

# O PAPEL DO PEDAGOGO NO CENTRO DE ATENDIMENTO PSICOSSOCIAL<sup>1</sup>

Franciele Fernanda da Silva<sup>2</sup>

Stéfani da Silva Korb<sup>3</sup>

Lídia Inês Allebrandt<sup>4</sup>

Compreendendo a extensa área de atuação do pedagogo, além do próprio espaço escolar, desenvolvemos este projeto no Centro de Atendimento Psicossocial – CAPS I, com crianças de 7 a 9 anos na oficina terapêutica, inserindo-nos no projeto até então já existente na instituição denominado “Infância(s) e cinema”.

A escolha por este espaço se deu por um desejo íntimo de conhecer e compreender o trabalho realizado com os usuários em saúde mental e objetivamos com este projeto conhecer as ações que estes profissionais desenvolvem e sua importância na instituição. Escolhemos a oficina terapêutica de cinema por acreditarmos que a arte fílmica pode ser um espaço significativo de acolhimento, expressão e reflexão, pois assim, conforme destaca Kehl (2006, p. 18), “Contar histórias não é apenas um jeito de dar prazer às crianças: é um modo de ampará-las em suas angústias ajudá-las a nomear o que não pode ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento: a ficção, escreve Corso, acaba sendo uma saída para que certas verdades se imponham” logo constituindo-se em um espaço que permite aos usuários conhecerem novas histórias, novos personagens, além de refletirem sobre os conflitos que estão enfrentando, construindo um elo entre ficção e real.

Iniciamos nosso projeto realizando uma pesquisa documental, com base nas leis e diretrizes, bem como pesquisa bibliográfica em obras sobre o tema, a fim de compreender como se concebeu o surgimento dos Centros de Atendimentos Psicossociais. E, para conhecer na prática como este trabalho se efetiva, realizamos uma observação na instituição, tanto no atendimento individual quanto na oficina terapêutica, que, segundo

---

<sup>1</sup>Relato de Experiência realizado através do projeto desenvolvido no Centro de Atendimento Psicossocial Infantil de Ijuí, por meio do componente curricular “Práticas Educativas em Espaços não Escolares

<sup>2</sup> Acadêmica de pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ francyfernandamallmann@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica de pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ stefanikorb96@gmail.com

<sup>4</sup> Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, orientadora, lidia@unijui.edu.br

o caderno nº 11 do Ministério (BRASIL/MS, 2004, p. 17) da saúde, tem como objetivo proporcionar um “ambiente terapêutico e acolhedor, que possa incluir pessoas em situação de crise, muito desestruturadas e que não consigam, naquele momento, acompanhar as atividades organizadas da unidade”. Nessa oportunidade conhecemos as crianças atendidas e realizamos nossa primeira inserção no grupo.

Por fim, realizamos um projeto de intervenção na instituição, adentrando no projeto que até então já estava em andamento a oficina terapêutica denominada “Cine infância (s)”, com um planejamento específico para o mês de setembro que faz referência ao Setembro Amarelo<sup>5</sup>, sendo esta temática uma sugestão da psicopedagoga da instituição.

O atendimento à saúde é um direito estabelecido em lei, pela Constituição Federal de 1988, em seu artº 196, no qual dispõem “[...] a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visam à redução do risco de doenças e de outros agravos e o acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção”. (BRASIL, 1988)

Descobrimos através da pesquisa que os CAPS são fruto de uma longa luta antimanicomial no Brasil, também conhecida como a Reforma Psiquiátrica, que foi fortemente influenciada pelo Psiquiatra italiano Franco Basaglia, em 1971.

Sobre a inauguração dos CAPS, segundo o caderno nº11 do Ministério da Saúde (BRASIL/MS, 2004, p. 12),

O primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Brasil foi inaugurado em março de 1986, na cidade de São Paulo: Centro de Atenção Psicossocial Professor Luiz da Rocha Cerqueira. [...] A criação desse CAPS e de tantos outros, com outros nomes e lugares, fez parte de um intenso movimento social, inicialmente de trabalhadores de saúde mental, que buscavam a melhoria da assistência no Brasil e denunciavam a situação precária dos hospitais psiquiátricos, que ainda eram o único recurso destinado aos usuários portadores de transtornos mentais.

Nesse contexto, os serviços de saúde mental surgem em vários municípios do país e vão se consolidando como dispositivos eficazes na diminuição de internações e na mudança do modelo assistencial.

Por conta destas práticas serem desenvolvidas em uma instituição de acolhimento e tratamento de crianças e adolescentes o mesmo também se pauta no Estatuto da Criança e Adolescente que firma em seu Art 3º que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei,

---

<sup>5</sup> Campanha promovida pelo Centro de Valorização da Vida – CVV, em prol da prevenção ao suicídio.

assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL/ECA, 2014, p. 11).

Atribuindo ao Sistema Único de Saúde (SUS) a função de promover o direito à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, por meio do acesso universal e equânime às ações e aos serviços para a promoção, a proteção e a recuperação da saúde, voltados para o público de gestantes, parturientes, nutrizes, recém nascidos, crianças e adolescentes até os 18 anos (artigos 7º e 11 do ECA, 1990). Com isso, o SUS – por meio de suas Leis Orgânicas nº 8.080/1990 e nº 8.142/1990 e de suas diversas políticas assumiu responsabilidades sanitárias para com crianças, adolescentes e suas famílias.

A produção de saúde será sempre a produção de sujeitos, que detêm direitos de acesso a todos os cuidados essenciais, devendo ser providos pelo Estado e pela sociedade. De acordo com o Ministério da Saúde e o Conselho Nacional do Ministério Público (2014, p. 23),

A criança e o adolescente são sujeitos e, como tal, são responsáveis por sua demanda e seu sintoma. São sujeitos de direitos e detentores de lugares autênticos de fala. A noção de sujeito implica também a de singularidade, e “cada caso é um caso”. Nessa linha, é preciso reconhecer voz e escuta de cada criança e adolescente. Cumpre alertar que, mesmo na ausência de pais ou responsáveis, crianças e adolescentes têm direito ao atendimento eventual ou não eventual.

Diante desse contexto social e dessa nova demanda, desenvolvemos nosso projeto denominado “A vida e o cinema” baseado em observações feitas buscando problematizar: O que é viver? Por que temos que valorizar a vida? Todos vivem da mesma forma? De que forma podemos valorizar e cuidar da nossa vida? Do que somos feitos? E o que acontece quando as nossas emoções tomam conta de nós.

Para isso exibimos o curta metragem intitulado “A maior flor do mundo”, do autor José Samarango, que de forma lúdica aborda a valorização de gestos e iniciativas para com outros e com a vida, conceitos importantes de humildade, esperança, perseverança e esforço.

Ao longo da sessão, percebemos que os usuários se identificaram com a história, pois após a exibição do curta surgiram relatos como “*sou eu que cuido das plantas lá em casa*”, “*as plantas precisam de água pra crescer*” identificando o tipo de produção.

Realizamos este momento de socialização em todos os filmes que foram apresentados no projeto, por compreendermos que cada história é interpretada de maneira única por cada criança que a escuta, ou assiste. Conforme destaca Duarte (2009, p. 56):

[...] o olhar do espectador nunca é neutro, nem vazio de significados. Ao contrário, esse olhar é permanentemente informado e dirigido pelas práticas, valores e normas da cultura na qual está imerso. Quantas vezes, ao comentar um filme com alguém que também o viu, percebemos, surpresos, que ele ou ela teve uma interpretação muitíssimo diferente da nossa. Em alguns casos, chegamos a duvidar de que estamos falando do mesmo filme.

Após a socialização, desenvolvemos uma dinâmica a qual intitulamos como “A semente da vida”, para isso estabelecemos um combinado com as crianças de que elas seriam responsáveis por acompanhar e desempenhar os cuidados básicos necessários para a semente germinar, a fim de compreender o nascimento e desenvolvimento de uma vida.

Ao realizarmos o plantio das sementes de girassol, observamos que algumas crianças não sabiam como realizar o plantio, conforme isso se desenvolvia algumas falas emergiram, como “*ai que nojo*” ao mexer na terra; “*ela vai demorar crescer?*”; “*vai ficar grande mesmo?*”.

No segundo encontro exploramos o filme “Wall-e” (2008). O filme se inicia no ano de 2700, tendo como cenário principal o nosso planeta terra desabitado. Ele se apresenta como um grande depósito de lixo, no qual o personagem principal do filme é um robô chamado Wall-e, que foi enviado para a Terra pela empresa BNL para executar o serviço de limpeza do planeta. Enquanto isso, os seres humanos se protegem de toda poluição do planeta em uma estação espacial onde ficaram acomodados e preguiçosos, alienados pelas tecnologias.

Após o filme, iniciamos uma roda de conversa para explorar o que filme a fim de compreender qual a mensagem ele trazida, o que aconteceu com o planeta terra, a importância da valorização vida e de pequenos gestos cuidados com mundo e com os outros. Por meio deste percebemos, durante e após o filme, que muitas crianças do grupo se identificaram com várias situações que surgiram no desenrolar da trama e conseguiram estabelecer relações com fatos que ocorrem em seus cotidianos.

Conforme a socialização se desenvolvia surgiram relatos como “*eu também jogo todo dia na internet*”, “*prof, o filme mostrou que às vezes precisamos da ajuda dos amigos para conseguir as coisas.*” “*Precisamos cuidar do nosso lixo, se vamos acabar que nem no filme.*”

No terceiro encontro, a exploração do tema do projeto teve continuidade com o filme “Divertido Mente” que conta a história da garotinha Riley, que se passa dentro da sua cabeça, a história tem os sentimentos nos papéis principais da trama. O filme debate temas raros em histórias infantis, como os pesadelos e os amigos imaginários, ressaltando

que todos os sentimentos são importantes para atingir o equilíbrio emocional - mesmo a tristeza e a raiva.

Após a socialização do filme, desenvolvemos a dinâmica “A vida é uma novidade vibrante” e, para tanto, pedimos para o grupo sentar em círculos e cada participante ganhou uma folha e lápis de cores. Ao som de uma música foi solicitado que cada um fizesse um desenho, procurando expressar uma ideia ou um sentimento pelo desenho e as cores como no filme, foi explicado ao grupo que no momento que a música parasse cada um passaria o seu desenho para a pessoa ao lado, e quem recebesse o desenho prosseguiria a atividade completando-o.

O grupo demonstrou entusiasmo nas atividades, mas alguns apresentaram resistência em deixar outros colegas mexer em seu desenho, dúvidas de como usar as cores para expressar seu sentimento ou ideia. Todavia, ao logo da tarefa, foram conversando e deixando os outros contribuir também. Durante esta atividade encontramos alguns desafios como uma das crianças que insatisfeita com a forma como a outra contribuiu em seu desenho rabiscou-o, e desenhou do outro lado como desejava que este fosse esta atitude nos ofereceu um indicativo, pois demonstra que ainda existem dificuldades de cooperação e companheirismo que necessitam ser desenvolvidas com o grupo. E, como não somos da área da psicologia, não faremos reflexões da ordem da saúde mental do grupo, atendo-nos às questões da sociabilidade. Coube, então, à equipe multidisciplinar da instituição encontrar formas de abordar as questões que emergiram, pois durante nossa prática, tivemos acompanhamento de algum membro da equipe.

Partindo do resultado da atividade anterior, em nosso quarto encontro exploramos o tema mediante uma dinâmica com balões na qual pedimos que cada integrante do grupo falasse algo que lhe incomodava ou que lhe alegrava dando uma cor a esta emoção, em seguida foi dado um balão com as cores escolhidas. Na etapa seguinte foi apresentada uma tela em branco e os integrantes do grupo foram desafiados a explodir seus balões, suas emoções, contra essa tela, podendo ver a representação da vida na arte, que retratando esse turbilhão de sentimentos que habita em nós.

Essa dinâmica teve como intuito perceber que vivemos cada instante e cada dia com milhares de emoções dentro de nós e que precisamos saber equilibrá-las para podermos viver bem e com saúde.

Este projeto nos proporcionou a oportunidade de compreender os vários campos de atuação do pedagogo e suas especificidades, em especial do psicopedagogo. Sendo a pedagogia ciência da educação que ocorre em todos os espaços, fruto da socialização,

Pensa-se educação como um processo de construção que integra, simultaneamente, diversos conhecimentos e promove o desenvolvimento intelectual e moral do indivíduo, sendo construídos encontros socioculturais.

Analisando o que propõe a Resolução, recorremos aos pensamentos de Libâneo quando apresenta o pedagogo, como um profissional com um vasto território de trabalho, podendo atuar em diversas áreas que exijam conhecimentos pedagógicos. O pedagogo, diante desse novo paradigma, numa sociedade em constante processo de transformação, é o profissional que, a cada dia mais, se enquadra para exercer essa função de transmissão do conhecimento, “ocorrendo em muitos lugares, institucionalizados ou não, sob várias modalidades.” (LIBÂNEO, 2004, p. 26)

Nesse sentido, o pedagogo pode ser o protagonista para ajudar a melhorar as situações sociais existentes, um agente de mudanças na educação, mudanças essas que não necessariamente estão diretamente relacionadas com a escola. Além da docência na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, na coordenação e/ou direção, a LDB nº 9.394/96, permite ao pedagogo uma ampla área de atuação não escolar, “como empresas públicas e privadas, organizações não governamentais, hospitais, entre outros, abrangendo assim, os serviços de psicopedagogia, a orientação educacional, os movimentos sociais, a educação ambiental, os museus entre outros, abrindo um leque oportunidade para exercício trabalho do pedagogo”.

Sendo assim, precisamos estar preparados para os desafios do mundo contemporâneo, sobretudo com as mudanças bruscas do sujeito social. Segundo Libâneo (2004, p. 28), “o mundo assiste hoje às intensas transformações, como a internacionalização da economia e as inovações tecnológicas em vários campos de saberes. Essas transformações levam à mudança no perfil desses diversos profissionais, afetando os sistemas de ensino”, sobretudo os pedagogos que estão diretamente ligados ao processo de disseminação das práticas pedagógicas.

Com isso, a ação do pedagogo em contribuir para reversão das desigualdades sociais em nossa sociedade é muito importante, pois acreditamos que ele pode possibilitar a compreensão de conhecimentos ético-humanistas, e de cidadania, promovendo cuidado com o próximo, e a solidariedade, valores e conceitos necessários para a vida em sociedade.

**Palavras-chave:** Pedagogia; Saúde Mental; Educação.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial, caderno nº11**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos / Ministério da Saúde, Conselho Nacional do Ministério Público**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KEHL, Maria Rita. Prefácio **Fadas no Divã Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre. Artmed, 2006.

LIBANÊO, José Carlos. O campo do conhecimento pedagógico e a identidade profissional do Pedagogo. In: \_\_\_\_\_. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 7º ed. São Paulo: Cortez, 2004.